

Uma perspectiva interdisciplinar de Lc 23,44-49

An Interdisciplinary Perspective of Luke 23:44-49

D. BASÍLIO DA SILVA, OSB*
ELZA KAWAKAMI SAVAGET**

Resumo: Este artigo, fruto de mais de uma década de prática de *lectio divina* no âmbito do Grupo de Pesquisa da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (GPFBSB-RJ), propõe uma leitura interdisciplinar de Lc 23,44-49, articulando Teologia, Comunicação, História e Memória. A partir dos referenciais de Paul Ricoeur e Maurice Halbwachs, e de conceitos semióticos do movimento presentes na linguagem cinematográfica, analisa-se como a narrativa lucana integra elementos simbólicos, gestuais e imagéticos capazes de mobilizar a memória coletiva e a contemplação individual. A abordagem evidencia a presença de recursos expressivos – como enquadramentos, deslocamentos visuais e efeitos de luz e sombra – que antecipam técnicas posteriormente sistematizadas pelo cinema. A análise considera o papel da multidão como corpo comunicante e dos amigos e mulheres como núcleo silencioso da memória contemplativa, destacando a força performativa e formativa da Palavra. Conclui-se que a perícopes estudada, ao entrelaçar experiência espiritual e linguagem do movimento, revela-se como espaço privilegiado de diálogo entre fé, arte e cultura.

* D. Basílio da Silva, OSB é Doutor e Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università Gregoriana (Roma, Itália); possui um Pós-Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde é Docente de Teologia Bíblica (NT) junto ao Departamento de Teologia da mesma Instituição. Também ensina Teologia Bíblica, Grego (NT) e Hebraico bíblico na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0007-0696>. Contato: d.basilio@corporativo.msbrj.org.br

** Elza Kawakami Savaget é Doutora em Meio Ambiente e Sociedade – Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Memória e Linguagem – Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Graduada em Comunicação Social, com ênfase no audiovisual, pelo extinto Centro Unificado Profissional (CUP). Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (GEIFSB), coordenado por Dom Basílio Silva, OSB. Pós-doutoranda do Centro Interunidades de História das Ciências (CIHC), Universidade de São Paulo (USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8138-5875>. Contato: elzasavaget@me.com

Palavras-chave: *Lectio divina*. Lucas. Memória. Comunicação. Interdisciplinaridade.

Abstract: This article, the fruit of more than a decade of *lectio divina* practice within the Research Group of the Faculty of St. Benedict of Rio de Janeiro (GPFBSB-RJ), proposes an interdisciplinary reading of Lk 23:44-49, linking Theology, Communication, History and Memory. Based on the references of Paul Ricoeur and Maurice Halbwachs, and semiotic concepts of movement present in cinematographic language, it analyzes how the Lucan narrative integrates symbolic, gestural and imagistic elements capable of mobilizing collective memory and individual contemplation. The approach highlights the presence of expressive resources – such as framing, visual displacements and light and shadow effects – that anticipate techniques later systematized by cinema. The analysis considers the role of the crowd as a communicating body and of the friends and women as the silent nucleus of contemplative memory, highlighting the performative and formative power of the Word. The conclusion is that the pericope studied, by interweaving spiritual experience and the language of movement, reveals itself as a privileged space for dialog between faith, art and culture.

Keywords: *Lectio divina*. Luke. Memory. Communication. Interdisciplinarity.

Apresentação

Este artigo é um dos resultados dos estudos de um grupo interdisciplinar que se reúne há mais de uma década para a prática da *lectio divina*, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos da Escritura Sagrada. A prática, cuja essência é a oração, pode ser considerada uma das formas mais antigas de oração cristã, na qual os escritos sagrados não são considerados apenas como um texto informativo, mas são Escrituras Sagradas, que requer uma atitude de reverência, de contemplação, de oração que **une leitura, escuta, silêncio e comunhão**. Ela se destaca entre os modos de oração cristã como uma **ponte entre a Palavra e a vida**, entre o texto e o coração, entre Deus que fala e o discípulo que responde.

Em sua Regra (RB), capítulo 48, São Bento estabelece de modo claro que o ócio é inimigo da alma, e por isso o tempo do monge deve ser sabiamente dividido entre o trabalho manual e a leitura sagrada. Ele prescreve momentos específicos do dia para a prática da *lectio divina*, que deve ocupar os intervalos

entre os ofícios litúrgicos e o labor físico. Em vez de se deixar conduzir pela inatividade, o monge é convidado a dedicar-se à leitura espiritual como forma de escuta orante da Palavra, disciplina interior e busca de sabedoria: “A ociosidade é inimiga da alma; por isso, em certas horas devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual, e em outras horas com a *lectio divina*” (RB 48,1). Assim, a *lectio divina* aparece não apenas como atividade formativa, mas como **remédio contra o vazio espiritual**, um modo de preencher o tempo com sentido e presença de Deus.

Atualmente, formalizada como Grupo de Pesquisa da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (GPFBSB-RJ), a prática tem sido aplicada não apenas como método individual de oração, mas como **espaço de estudo**, capaz de integrar diversas experiências de vida, áreas do saber e sensibilidades culturais. Configura-se como um espaço privilegiado de interlocução entre fé e conhecimento, a partir do reconhecimento da multiplicidade de perspectivas. Contudo, é importante ressaltar que a prática da *lectio divina* seja orientada por especialistas em Sagrada Escritura para mediar a interlocução entre as diferentes metodologias, perspectivas e referenciais dos diversos campos epistêmicos, mantendo a simetria entre os participantes. A interlocução mediada não apenas enriquece a compreensão coletiva da Escritura, mas também favorece um processo formativo integral. Nesse sentido, Silva (2016, p. 11) destaca que a *lectio Divina*, ao unir-se ao conhecimento, amplia a compreensão da dimensão humana da Palavra de Deus e revela-se como prática de elevado potencial transformador, restaurador e curativo, uma vez que “a palavra de Deus é viva e eficaz” (Hb 4,12 *apud* Silva, 2016, p. 11). Tal articulação entre experiência espiritual e saber sistematizado evidencia o caráter performativo da Escritura quando lida de modo orante, consciente e interdisciplinar. A prática, portanto, não apenas lê o texto, mas **permite que o texto nos leia**, abrindo espaço para que diferentes saberes e experiências se encontrem em torno de um acontecimento que ultrapassa o tempo e o espaço e se comunica, plenamente, por meio da linguagem encarnada da Escritura.

O campo do estudo interdisciplinar permite alargar os espaços de escuta, de leitura e partilha de experiências e percepções, que ampliam o diálogo com diferentes saberes. Ao integrar a escuta orante da Palavra com a reflexão crítica sobre a linguagem, a memória e os processos comunicacionais, atualiza-se sua potência espiritual e cultural. A *lectio divina* torna-se **prática comunicante, interdisciplinar e transdisciplinar**, na qual a Palavra ressoa não apenas no silêncio da interioridade, mas também no **diálogo entre mundos interpretativos diversos**, revelando o caráter universal e encarnado da Revelação.

Nos encontros em que praticamos a *lectio divina*, no âmbito do GPFSB-RJ, nos debruçamos sobre o Evangelho de Lucas ao longo de dois anos e, a partir desses estudos propomos a construção de artigos que expressasse o diálogo da teologia com os campos de formação dos membros. Tendo em vista esse desafio epistêmico interdisciplinar, este artigo propõe um diálogo entre elementos de Comunicação, estudos de História e Memória com a Teologia. Sendo assim, o objetivo deste artigo é analisar a passagem de Lc 23,44-49, tendo como arcabouço metodológico os conceitos sobre memória de Paul Ricœur (2007) e Maurice Halbwachs (2009), bem como elementos da Comunicação, delimitados a determinados aspectos semióticos do movimento. Busca-se, desse modo, ressaltar a dinâmica presente na narrativa desses cinco versículos, evidenciando como o movimento contribui para a construção do sentido em Lc 23. O apoio teórico será um dos estudos sobre cinema de Arlindo Machado (1997).

A palavra “cinema” tem origem no grego κίνημα (*kínēma*), que significa “movimento”, derivada do verbo “mover”, do grego κινέω (*kinéō*). Dito isso, é possível argumentar que o κίνημα (movimento) é uma das características do texto sagrado de Lc 23. O movimento compõe a estética que dinamiza suas narrativas. Por meio dela, provoca a compreensão, acessa a alma. Séculos mais tarde, muitos elementos semióticos lucanos seriam materializados e intensificados pela cinematografia. A modernização da indústria cinematográfica possibilitou a consolidação de uma linguagem própria, dotada de um repertório semiótico específico do audiovisual. Tal modernização deve ser compreendida não apenas como a estruturação de um setor industrial, mas também é importante considerar as inovações técnicas que abrangem o desenvolvimento de equipamentos específicos aos desenhos de engenharia de produção, que visam atender às múltiplas demandas nas diferentes etapas envolvidas para tornar a indústria mais eficiente.

Como ilustração complementar, vale destacar que, os estudos históricos sobre cinema, Arlindo Machado (1997) apresenta referências sobre o período inicial em que os primeiros produtores e diretores adaptaram diversas passagens bíblicas: “os primeiros dramas de ficção com razoável duração e com um esboço mínimo de ‘história’ foram as *Paixões*, encenações da vida de Cristo por meio de quadros, como no ritual religioso da Via-Sacra” (*ibid.*, p.104). Tecnicamente as versões filmadas entre 1897 e 1907 utilizaram um encadeamento de *tableaux vivants*¹. Trata-se de uma transição do formato de

¹ Tradução livre: “quadros vivos”.

espetáculo teatral para o cinema, quando utilizavam um cenário fixo no qual atores encenavam passagens da Bíblia ou históricas, que eram “filmadas” para serem reproduzidas em outros locais, distintos dos espaços teatrais. Desde os primórdios, a indústria do cinema utiliza narrativas bíblicas como tema. Historicamente, portanto, passagens bíblicas ocupam lugares de destaque, tanto em produções curtas do final do século XIX quanto em grandes produções contemporâneas. O cinema encontra, nas narrativas bíblicas, um repertório de linguagem aparentemente acessível, visualmente impactante e moralmente legitimado.

1 Uma perspectiva interdisciplinar de Lc 23,44-49

⁴⁴Era mais ou menos a hora sexta quando houve a treva sobre a terra inteira até a hora nona, tendo desaparecido o sol o véu do Santuário rasgou-se ao meio, e Jesus deu um grande grito; ‘Pai, em tuas mãos entrego meu espírito’ dizendo isto, expirou. [...]

⁴⁷O Centurião, vendo o que aconteceu glorificava a Deus, dizendo; ‘realmente este homem era um justo!

⁴⁸E toda a multidão que havia acorrido para o espetáculo, vendo o que havia acontecido voltou batendo no peito.

⁴⁹Todos os seus amigos, bem como as mulheres que O haviam acompanhado desde a Galileia, permaneciam à distância observando essas coisas.

A narrativa de Lc 23,44-46 apresenta um dos acontecimentos mais comoventes da Sagrada Escritura: a cena do Cristo crucificado. É um momento dramático que Lc 23,44 revela a presença do Pai diante do Filho crucificado (Aletti, 1989, p. 175-176). É possível sentir o movimento lento do tempo, no momento em que o Filho entrega a vida ao Pai. Esse tempo marca a plasticidade do momento, um instante: *mais ou menos a hora sexta*. Coloca a terra inteira sob trevas, rasga o véu do Santuário e o Pai recebe o Filho que se entrega: “*Pai, em tuas mãos entrego meu espírito*”. Essa passagem, uma das mais emocionantes, densas e comoventes do Evangelho de Lucas, evoca uma força espiritual de fé contida nas múltiplas camadas da emoção existencial, sendo esta uma das mais profundas que é o ato da entrega, da confiança, do abandono, na certeza da consolação no sofrimento (Meynet, 2001, p. 345).

Quando coletivamente lembramos, como, por exemplo, no Tríduo Pascal, atualizamos as camadas profundas da nossa emoção existencial, de maneira progressiva e ativa, o que exige o despojamento de si para se unir a

cada gesto do Filho e daqueles que testemunharam todo o percurso do Calvário, para torná-los vivos em nós. Rememorar é uma prática de memória que não é reprodutiva, mas reconstrutiva. Ou seja, rememorar é o exercício de memória, que nos permite reviver (Ricoeur, 2007, p. 71). O filósofo chama a atenção para a “superposição” do termo rememoração, que juntamente com a meditação e a recordação, se encontram no mesmo campo etimológico do substantivo grego ἀνάμνησις (*anámnēsis*). No tratado *Anámnēsis*, Aristóteles descreve a recordação como uma forma de busca (*ibid.*, p. 71), na qual rememorar constitui um exercício ativo da memória: um retorno da consciência a algo anteriormente vivido, percebido ou conhecido. A marca temporal do “antes” torna-se, assim, o traço distintivo da recordação, manifestando-se sob duas formas: a evocação simples e o reconhecimento, que conclui o processo (*ibid.*, p. 73). Nesse contexto, rememorar ultrapassa o mero ato de lembrar; trata-se de um movimento interior que antecede o reconhecimento, um processo no qual o saber individual e o coletivo se articulam como dimensões essenciais para ampliar e aprofundar a experiência de viver a espiritualidade cristã.

A abordagem interdisciplinar oferece subsídios para uma leitura teológico-imagética da narrativa de Lc 23, evidenciando a densidade simbólica e o caráter dramático do evento no horizonte da fé cristã. O texto sagrado remete ao movimento semiótico de deslocamento visual, que parte de um enquadramento restrito e progressivamente se abre até alcançar o chamado “plano geral”, permitindo ao observador acessar uma compreensão ampliada do contexto representado. Atualmente, com o desenvolvimento da computação gráfica, tal recurso foi significativamente aprimorado, possibilitando transições que partem de níveis microscópicos até planos cosmológicos, favorecendo uma percepção narrativa expandida. Bastante comum em produções animadas de naturezas diversas, o recurso semiótico do deslocamento visual tornou-se um signo estabilizado na memória imagética da cultura contemporânea. No contexto da leitura teológica de Lc 23, esse movimento pode ser interpretado como expressão visual de um **efeito de ampliação do campo hermenêutico**, promovendo a **universalização da narrativa**.

No v. 33, o Evangelista conduz ao momento e ao lugar onde Cristo foi crucificado, situando-o em um ponto geográfico, *um lugar chamado Caveira*, e abre para toda a terra: *quando houve a treva na terra inteira*. A dinâmica do movimento imagético em sua narrativa leva-nos a rememorar o exato momento em que o Filho entrega o Seu espírito ao Pai, e nesse instante, juntamente com o Filho sentimos a presença do Pai. O gesto do Pai, que faz

desaparecer o sol, faz com que lembremos de que Deus é o Senhor da terra, como cantaram os salmistas e profetas: “Ao Senhor pertence a terra e o que ela encerra” (Sl 23,1); “Porque Deus é o grande Rei de toda a terra” (Sl 47,8), assim Deus, o Senhor da terra, o grande Rei de toda a terra, a coloca sob trevas desde a hora sexta até a hora nona. Diante dessa imagem, o centurião, personagem do v. 47 rememora e reconhece: *vendo o que aconteceu glorificava a Deus, dizendo: ‘realmente este homem era um justo!’*. O ato do centurião pode durar um instante, como também, poderia perdurar um tempo imensurável, como quando o Pai escureceu a terra.

A figura de linguagem temporal da analepse consiste na interrupção da linearidade temporal da narrativa presente, com a inserção de eventos pretéritos, com a função de trazer elementos pretéritos que contribuam para a compreensão ou ressignificação da ação em curso. A linguagem audiovisual contemporânea faz uso da analepse utilizando o recurso semiótico nomeado de efeito *flashback*. Em Lc 23,47 a analepse evidencia o movimento da memória do centurião, que ocorreu num instante, mas um *flashback* suficiente para que ele reconheça que Jesus *era um justo*. Na presença de Deus diante do Filho crucificado, o centurião rememorou o discurso de Jesus durante a sua peregrinação, compreendeu e reconheceu: “*realmente este homem era justo*”.

O papel da multidão

A multidão é um elemento importante para as teorias da comunicação, que foi sendo reconfigurada conceitualmente conforme o desenvolvimento, a transformação e a modernização dos meios de comunicação. No Evangelho de Lucas, a multidão vai além de sua função literal como grupo social e se configura como uma **figura de linguagem narrativa**, assumindo papel simbólico e comunicacional dentro da trama evangélica. Ora atenta e receptiva, ora manipulável ou silenciosa, a multidão representa, de modo metonímico, a humanidade em confronto com o mistério de Cristo. Seu comportamento ambivalente – da aclamação à recusa, da expectativa messiânica à comoção – faz dela uma figura que **condensa os movimentos coletivos da consciência religiosa e social** diante do acontecimento pascal. Para **Paul Ricoeur (2007)**, essa coletividade opera como personagem simbólica no processo de **refiguração narrativa** nos gestos e reações – *como bater no peito* (Lc 23,48) – e vai além inscrevendo-se no campo da memória interpretada, onde o acontecimento se transforma em sentido. Para o teórico da “Memória Coletiva” (2009), a multidão assume a função de **quadro social da memória**,

atuando como comunidade que testemunha, comunica e preserva a lembrança do Cristo crucificado. Em Lc 23, a multidão não está na cena apenas; ela é também **veículo narrativo, figura simbólica e instância comunicante** da experiência espiritual que o evangelho propõe.

No v. 48: *E toda a multidão que havia ocorrido para o espetáculo, vendo o que havia acontecido voltou batendo no peito*, aqui a multidão é colocada como a personagem, anônima, espectadora, que assiste *ao espetáculo*. O sentido da figura da *multidão* é o grupo social histórico que presencia a morte de Jesus, que ao ocupar um lugar na narrativa, assume um papel simbólico comunicante que expressa e comunica sentidos e significados. Vale destacar que se trata de um grupo real e historicamente situado, reunido para assistir à crucificação como espetáculo público, conforme os costumes de punição dos romanos. Portanto, a *multidão* é, em si, parte do cenário coletivo do acontecimento na história.

No entanto, ao final do versículo, quando *voltam batendo no peito* apresenta uma ação que traz em si, um sentido simbólico mais profundo, que remete à esfera da memória, da comoção e da comunicação não verbal. Esse gesto pode ser compreendido como uma **manifestação do que Halbwachs (2009) conceituou como memória coletiva em formação**. Em Paul Ricoeur (2007), o gesto da multidão representa uma **ação simbólica narrável**, que ultrapassa o dado empírico e se inscreve no campo da **memória refigurada**, ou seja, não se limita apenas ao acontecimento em si, pois ultrapassa o factual, adentra a memória e passa a **ter outro sentido**, refigurado. É o efeito transformador que o *espetáculo* exerceu sobre a compreensão de si mesmo, do tempo e do mundo. É como um **corpo simbólico comunicante**, cuja ação silenciosa se tornou portadora de um sentido aberto à interpretação espiritual, ética e litúrgica. Nesse sentido, o evangelista torna um coletivo comum, em uma figura memorial da humanidade diante do Crucificado.

O gesto da *multidão* no v. 48 é a expressividade simbólica profundamente enraizada na tradição bíblica e espiritual, que podemos encontrar no contexto do Antigo Testamento: bater no peito é um gesto associado ao luto, à aflição e, sobretudo, ao arrependimento (Is 32,12; Na 2,8). No Novo Testamento, ele reaparece na parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,13), *onde o publicano nem ousava levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: 'Tem piedade de mim, pecador'*, tornando-se símbolo de contrição sincera. Esse gesto atravessou os séculos como expressão litúrgica da consciência do pecado e da busca por reconciliação, preservado na tradição cristã como parte do rito

penitencial: *mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa*. Do ponto de vista da comunicação, trata-se de um ato simbólico não verbal, íntimo, que se torna expressão visível ao representar uma resposta emocional intensa à experiência do sagrado no sofrimento.

Os discípulos: os amigos e as mulheres

Depois da *multidão* do v. 48, do plano geral para no versículo seguinte destacar um grupo especial: *todos os seus amigos e as mulheres*. Na linguagem audiovisual, utiliza o recurso semiótico do plano fechado, para destacar os *amigos e as mulheres* da *multidão*. O termo *amigos* é uma tradução do grego φίλοι (phíloi), que deu origem ao verbo φιλέω, (philéō) que significa “amar”, “ter afeição por”, “gostar de” (Rusconi, φιλέω, p. 359). O v. 49 ao dizer: *todos os seus amigos e as mulheres...*, delimita o grupo **escolhido e qualificado pela proximidade e lealdade mútua**: são eles que, silenciosos no Calvário, observam e guardam em si o sentido do acontecimento. Um grupo de amigos representa mais do que uma mera associação afetiva, mas constitui como **núcleo de lealdade voluntária e de memória partilhada**, especialmente em situações-limites como a crucificação de Jesus.

Enquanto a *multidão* assiste ao espetáculo, os *amigos e as mulheres* que acompanhavam Jesus desde a Galileia permanecem à *distância*, em silêncio: *Todos os seus amigos, bem como as mulheres que O haviam acompanhado desde a Galileia, permaneciam à distância observando essas coisas*. O v. 49 encerra a cena da crucificação em Lc 23, retirando o foco da comoção pública da *multidão* (v. 48) e o desloca para um grupo silencioso e fiel: **os amigos e as mulheres que acompanharam Jesus desde a Galileia**.

Embora estejam à *distância*, os sentidos são carregados de **presença, lealdade e contemplação**. A menção explícita à **origem do discipulado desde a Galileia** reafirma que esse grupo seguiu Jesus em sua vida pública e agora o segue até a morte, não com palavras, mas com **o testemunho do olhar que guarda**. Esse grupo pode ser lido como o verdadeiro **quadro social da memória**: são os que testemunharam a vida, o sofrimento e a morte de Jesus e que **preservarão sua lembrança como experiência coletiva fundante** (Halbwachs, 2009). Não apenas viram, mas observaram (Meynet, 2001, p. 350), e o verbo usado por Lucas, θεωροῦντες (theōrountes), é um **participípio presente ativo** do verbo θεωρέω (theōreō), que significa ver, observar, contemplar, assistir ou perceber com atenção (Liddell-Scott, θεωρέω, p. 796). O v. 49 descreve o silêncio, fiel e profundo, daqueles que não apenas veem a

cruz, mas começam a **internalizar seu sentido**, com a **atenção profunda e contemplativa**. A participação silenciosa prepara o terreno da ressurreição: são essas mesmas mulheres que, no capítulo seguinte, irão ao túmulo e anunciarão a vida.

Esse versículo representa o início da **refiguração da narrativa pascal**: não se trata mais apenas de ver o que aconteceu, mas, marca que o acontecimento **reescreva a vida daqueles que observam** (Ricoeur, 2007). O silêncio, dos amigos e das mulheres, é carregado de sentido, é o espaço onde a Palavra não é dita, mas **aguardada, maturada e interiorizada**. Assim, Lc 23,49 nos apresenta **um núcleo de memória contemplativa** que escapa ao ruído da multidão e ao clamor da execução. Nesse grupo, separado da multidão, mas que esteve sempre presente, **a fé futura se prepara em silêncio**, e a cruz se transforma em **lugar de espera, fidelidade e esperança resguardada** (Meynet, 1994, p. 667).

Considerações finais

A narrativa da crucificação em Lc 23,43-49 na sua densidade simbólica entrelaça **gestos, silêncios, linguagem, afetos e memória**. Estudá-la à luz da *lectio divina* como prática interdisciplinar foi também uma oportunidade de aprofundar a compreensão sobre a linguagem do movimento, da semiótica do silêncio na ação da escuta, e na presença das diferentes vozes. A **multidão**, ao reagir com o gesto simbólico de *bater no peito*, constitui-se como **corpo comunicante**, expressão coletiva de uma memória afetiva e ética em formação. Enquanto *os amigos e as mulheres*, que permanecem à distância, representam a ação do silêncio, da **memória contemplativa silenciosa**, guardiães do testemunho do que foi visto e vivido.

Em diálogo com Maurice Halbwachs (2009) percebemos como o evangelista estrutura uma **tradição de memória**, transmitida e atualizada por grupos que assumem a responsabilidade de lembrar. Paul Ricoeur (2007) por sua vez, ilumina esse processo como um momento de **refiguração narrativa**, no qual a Palavra lida e ouvida se transforma em experiência interpretada, redimensionando o modo como se vive, sofre e espera. Desse modo, *a cruz*, em Lucas, é mais que símbolo de sofrimento: é **linguagem espiritual encarnada**, que comunica, transforma e forma um povo, não apenas como espectador do drama, mas como **testemunha da esperança que nasce do silêncio e da fidelidade**.

Além disso, os vv. 44-49 nos permitem reconhecer que a narrativa bíblica mobiliza recursos expressivos que seriam amplamente explorados séculos

depois pela linguagem cinematográfica. A articulação entre luz e trevas, o rasgar simbólico do véu, o clamor final de Jesus, as reações emocionais das testemunhas e o movimento de afastamento coletivo estruturam uma sequência de imagens e gestos carregados de dramaticidade. Esses elementos antecipam, em sua lógica interna, técnicas que o cinema viria a formalizar, como o uso da iluminação para intensificar a tensão, os efeitos visuais simbólicos, o *close up* emotivo, os planos de reação e o *zoom out* contemplativo.

Dessa forma, a narrativa do Evangelho de Lucas ultrapassa os limites da exegese textual e, alcança a trama imagética da imaginação. Revela uma sofisticada construção semiótica do movimento, como recurso da linguagem escrita; evoca a imaginação visual do sagrado que convoca não apenas à compreensão racional, mas à contemplação e ao envolvimento afetivo com a cena. O contato com o texto sagrado não se limita à interpretação doutrinal ou análises, mas, permite o acesso às camadas mais profundas da emoção, porque nos conduz à uma dimensão experiencial e performativa, em que o leitor é também o espectador de uma cena sagrada que o interpela sensorial e espiritualmente.

Referências

- ALETTI, Jean-Noël. *L'art de raconteur Jésus Christ*. Paris: Seuil, 1989.
- BENTO, São. *A Regra de São Bento*. Tradução de Dom João Evangelista Enout. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2003.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução da Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2009.
- LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Claredon Press, 1968.
- MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas: Papirus, 1997.
- MEYNET, Roland. *Il Vangelo secondo Luca*. Bologna: EDB, 1994.
- MEYNET, Roland. *La Pasqua del Signore*. Bologna: EDB, 2001.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RUSCONI, Carlo. *Vocabolario del greco del Nuovo Testamento*. Bologna: EDB, 1997.

SILVA, Dom Basílio, OSB. *Diálogos com a Palavra*. Rio de Janeiro: Louva a Deus, 2016.

Artigo recebido em 18/11/2025 e aprovado para publicação em 10/12/2025

Como citar:

SILVA, Basílio da; SAVAGET, Elza Kawakami. Uma perspectiva interdisciplinar de Lc 23,44-49. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 33-44, jan./jun. 2026. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v25i49-2026-2>